



FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS E SEU OUTRO: CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM EM PORTAIS EDUCACIONAIS

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir como as concepções de ensino de Língua Portuguesa ainda estão pautadas em uma expectativa de normatividade que reforça a postura do ensino tradicional e descontextualizado da língua. Para isso, serão tomados como *corpus* os comentários do leitor em Portais Educacionais de Ensino de Português. Considera-se que analisar esses contextos extraescolares ajuda a entender a representação social que serve como alicerce para as concepções de linguagem de professores e alunos em sala de aula. Do ponto de vista teórico, serão utilizados os conceitos Bakhtinianos de exotopia e excedente de visão.

PALAVRAS-CHAVE: Concepções de ensino. Língua Portuguesa. Exotopia. Excedente de visão. Bakhtin.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the conceptions of Portuguese language teaching are still based on an expectation of normativity that reinforces the traditional teaching position and decontextualized language. For this, the reader's comments on Portuguese Teaching Educational Portals will be taken as corpus. It is considered that analyzing these extracurricular contexts helps to understand the social representation that serves as a foundation for the language conceptions of teachers and students in the classroom. From the theoretical point of view, the Bakhtinian concepts of exotopia and vision surplus (excess of seeing) will be used.

KEYWORDS: Teaching concepts. Portuguese language. Exotopia. Vision surplus (excess of seeing). Bakhtin.

MARCO ANTONIO VILLARTA-NEDER

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Araraquara). Professor associado da Universidade da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Docente do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), villarta.marco@del.ufla.br

ROSIMAR DE FÁTIMA SCHINELO

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Paulo (UNESP - Araraquara). Professora da Faculdade de Tecnologia de Catanduva-FATEC. rosimar@fateccatanduva.edu.br

HELENA MARIA FERREIRA

Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora associada da Universidade da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Docente do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), helenaferreira@del.ufla.br



1. INTRODUÇÃO

A atividade profissional de um professor de Língua Portuguesa se constitui em um contexto em que são recorrentes questionamentos do tipo: afinal, o que é ensinar uma língua? O que é aprender uma língua? É possível ensinar sem aprender ou vice-versa? E, cá entre nós, como posso ter certeza que sei o que é Língua Portuguesa (o que a define como língua e como língua diferente das demais)?

Cabe lembrar que questionamentos dessa natureza não são exclusividade da condição profissional do professor em geral, nem de uma suposta bizarrice de ser professor de português para alunos que falam português. Questões parecidas são fundamentais para qualquer atividade profissional, do piloto de avião ou engenheiro civil a um maestro de orquestra.

Para qualquer atividade profissional tomada com critério, seria inadmissível a ideia de que, não importa a situação, um profissional pode mobilizar os mesmos conhecimentos, independentemente da *situação* em que se encontra. E, nesse caso, a inter-relação entre o corpo de conhecimentos que fundamenta a prática daquele profissional, aliado à capacidade de diagnosticar o que é mais adequado em cada contexto é que permitem aferirmos o sucesso ou o insucesso de um determinado modelo de formação.

No entanto, há uma profunda diferença em relação aos usuários dos serviços das atividades profissionais em geral. Diversamente, o aluno e toda sociedade esperam do professor de português a *mesma* doutrina, o *mesmo* conteúdo, a *mesma* visão sobre a língua que seus antepassados de décadas e séculos já experimentaram. Em termos gerais, o aluno se sente confortável ao entrar numa sala de aula e encontrar um professor que saiba entoar regras e exceções, de modo dinâmico, utilizando audiovisual, cantando *jingles* das regras gramaticais, fazendo jogos sintáticos, enfim, fazendo a *decoreba* se travestir de ares alegres e, quem sabe, a depender da proposta pedagógica da escola e da sensibilidade do professor, tecnológicos.

Com a crescente difusão da internet, tem se estabelecido uma multidão de sites, blogs e, mais recentemente, de portais educacionais específicos para



apresentação de regras de gramática normativa com espaços para os internautas interagirem, enviando dúvidas e perguntas.

Este artigo pretende analisar alguns desses portais, especialmente em relação a seções dúvidas de internautas em portais educacionais de Língua Portuguesa. Pretendemos, também, discutir como essas concepções de língua e de seu ensino-aprendizagem (em contexto de língua materna) constituem um jogo de papéis exercidos pelo professor e por sua audiência. Dito de outra maneira: que consequências podemos ter quando o professor exerce a função de representar, quase como decalque, a visão que o outro (aluno, sociedade) tem de seu trabalho e de seu objeto de estudo e trabalho (a língua) ? E como esses espaços constroem essa relação entre a visão do professor, da sociedade e do público que a acessa ? Ou ainda: podemos pensar a formação do professor de português sem olharmos para o contexto que a constitui ?

A perspectiva desse artigo é discutir aspectos dessa relação do professor com seu Outro, seja representado pelo aluno ou por instâncias ou segmentos da sociedade brasileira em geral. Buscamos, aqui, cumprir uma etapa dessa tarefa analisando quem é esse Outro – múltiplo – que constitui não somente o interlocutor do professor, mas – decisivamente - um conjunto de concepções sobre a formação e a prática desse professor. Assim, a proposta em pauta consiste em, à luz da teorização de Mikhail Bakhtin, analisar portais educacionais de Língua Portuguesa, sob o ponto de vista das seções de dúvidas dos internautas e/ou das respostas/compilações construídas pelos portais analisados, com vistas a:

1. Identificar concepções de linguagem e de língua
2. Identificar relações exotópicas entre essas concepções
3. Analisar, nessas relações exotópicas, o excedente de visão que se incorpora na visão dos portais a partir da ótica da sociedade (senso comum sobre a língua), dos alunos e/ou usuários dos portais e dos professores-internautas usuários dos portais.

Para isso, o *corpus* selecionado consiste em três portais educacionais que disponibilizam material relativo à área de Língua Portuguesa. Desses, um portal é hospedado em provedores de amplo acesso (www.klickeducação.com.br), um é especificamente voltado para um enfoque



gramatical (www.gramaticaonline.com.br) e o último é um portal público, ligado a uma Secretaria de Estado da Educação de um dos Estados mais importantes da União (<http://www.educacaopublica.rj.gov.br>) .

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O conceito bakhtiniano de exotopia, neste trabalho, constitui uma ferramenta teórica importante para uma reflexão sobre como esse espaço do Outro constitui o sujeito (no caso desse trabalho, a representação do lugar social e epistemológico do professor de português):

Entra em cena [...] um conceito, essencial à formulação de Bakhtin, o conceito de exotopia, que, poderíamos dizer corresponde ao fato de que o meu olhar sobre o outro não coincide com o olhar que o outro tem de si mesmo, exatamente porque meu “excedente de visão” possibilita-me ver no outro aquilo que ele não pode ver. (OLIVEIRA, 2006, p. 111)

No texto do próprio Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, ao discutir a problemática do herói e do autor:

Em todas as formas estéticas, a força organizadora é categoria de valores do *outro*, uma relação com o outro enriquecida do excedente de valores inerente à visão exotópica que tenho do outro e que permite assegurar-lhe o acabamento. (BAKHTIN, 2000, p. 203)

A importância desse conceito é decisiva para se discutir as concepções que embasam a formação do professor de português, embora não pareça tão óbvia. Uma das queixas mais insistentes por parte do professor é que, cada vez mais, a responsabilidade pelo (in)sucesso do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica repousa na figura do professor. Até mesmo quanto à sua formação, as políticas educacionais têm induzido o próprio professor e a sociedade a acreditar que é tarefa do docente buscar a formação continuada, se aperfeiçoar, num esforço individual. Mais do que isso, a responsabilização pela qualidade do desempenho dos alunos.

Nesse contexto, deslocar a discussão para como a relação do professor com elementos outros que *constituem* suas concepções, seu olhar, coloca



questões que ficam obscurecidas e silenciadas. Daí a relevância desse conceito bakhtiniano.

Falar em *formação continuada do professor* transformou-se num lugar comum, num clichê, cujo ônus acaba, muitas vezes, recaindo sob o professor de português que atua na Educação Básica. Qual das armadilhas desse discurso pretendemos apontar aqui? Precisamente que o caráter de *não acabamento* da concepção de *formação continuada* desloca-se de um movimento de uma posição em que o professor *sabe* sobre um determinado estado de coisas a partir de uma relação dinâmica entre a prática de sua vivência dentro do sistema escolar (em primeiro lugar como cidadão, depois como aluno e, enfim, como docente), a reflexão sobre essa prática, a partir de modelos que são elaborações sobre práticas e vivências e a ressignificação e atualização da prática docente a partir desse percurso. Esse deslocamento leva a retomar a ideia de *falha*, de uma incompletude negativa que alude à incapacidade do professor para lidar com o contexto da sala de aula.

Quando Bakhtin, no conceito de exotopia, pensa que esse acabamento do sujeito do conhecimento se dá, necessariamente, no Outro e pelo Outro, podemos deslocar essa incompletude da noção de *falha* para a noção de *alteridade*. Ou seja: se é o Outro que dá acabamento e se a formação e a prática do professor não dá conta do contexto da sala de aula, essa *falha* é, também, necessariamente, compartilhada. Se o ensino de português fracassa como ferramenta de compreensão e intervenção, há uma cumplicidade da sociedade que engendra e mantém o sistema escolar, do aluno que representa (no sentido simbólico) essa posição.

Podemos aprofundar essa reflexão trazendo outro momento do texto de Bakhtin:

Do ponto de vista da produtividade efetiva do acontecimento, quando somos dois, o que importa não é o fato de que, além de mim, haja mais outro homem, semelhante a mim (dois homens), e sim que, para mim, ele seja o outro; é nisso que sua simpatia por minha vida não é nossa fusão num único ser, não é uma duplicação numérica da minha vida, e sim um enriquecimento do acontecimento da minha vida, pois ele a vive de uma nova forma, numa nova categoria de valores – como vida de outro que é percebida diferentemente e recebe uma razão de ser diferente da sua própria. A produtividade do



acontecimento não consiste na fusão de todos em um, mas na exploração da exotopia que permite à pessoa situar-se num lugar que é a única a poder ocupar fora dos outros. (BAKHTIN, 2000, p. 103).

Do ponto de vista do Eu, é do lugar do Outro que me enxergo o lugar que posso ocupar no mundo e que me torna possível existir como sujeito. Entender isso estabelece um duplo papel.

O primeiro é de o relação dialética com o Outro. Perceber que *satisfazer* as expectativas da voz hegemônica desse Outro, representada por uma visão desfocada e elitista da língua, de seu ensino e de sua circulação e produção cultural, leva inevitavelmente à *falha*. No espaço dessa contradição, não há como não pensar a formação do professor de português como um diálogo tenso, mas necessário, com essa voz social, histórica e cultural da sociedade brasileira, consubstanciada, o mais das vezes, na voz e no corpo dos alunos mais excluídos.

O segundo papel é o de enxergar que esse acabamento que só pode ser dado pelo Outro, em se tratando da sociedade brasileira, constitui o lugar social e teórico do professor. É uma afirmação forte, mas cabe dizer que esse perfil de professor que é cobrado pelo fracasso é *exatamente* aquele que a sociedade tem a expectativa de formar, pelo único lugar que permite ao professor se constituir. Nesse sentido, esse segundo papel é o de denúncia.

Aqui torna-se pertinente utilizar a relação que Bakhtin faz entre exotopia e cultura:

Na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da compreensão. A cultura alheia só se revela em sua completude e em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. Se não formulamos nossas próprias perguntas, não participamos de uma compreensão



ativa de tudo quanto é outro e alheio (trata-se, claro, de perguntas sérias, autênticas). (BAKHTIN, 2010, p. 368)

Quando Bakhtin diz que “formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava”, aí está um ponto de inflexão dessa denúncia. E o final da citação é ainda mais oportuno: “ Se não formulamos nossas próprias perguntas, não participamos de uma compreensão ativa de tudo quanto é outro e alheio.” É bom lembrar que para Bakhtin a própria compreensão da fala do Outro já é um diálogo.

E se o lugar da formação do professor de português não participar ativamente dessa relação como esse(s) lugar(es) Outro(s) que o constituem, que grau de consciência de si, de sua função e de sua relação com o Outro (aluno, outros professores, outras áreas, a sociedade de que faz parte) poderá ser estabelecida ? Essa é uma questão importante para a ressignificação do processo de formação docente.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS

Como um recorte do *corpus*, elegemos, especificamente, três situações de dúvidas de internautas (uma de cada portal) sob a forma de pergunta-resposta ou compilação.

Tomaremos como primeiro a ser analisado o portal *Gramática on line*, por ser o o único dos três que compõem o *corpus* a ter uma seção estruturada no formato *pergunta-resposta*, envolvendo ocorrências linguísticas comuns no cotidiano social (ver <https://gramaticaonline.com.br/blog/>). A seção é constituída por uma injunção utilizando o verbo *perguntar* no imperativo e o nome do professor responsável pelo site. Não há identificação do internauta que teria enviado a dúvida, o que suscita a questão se a dúvida foi realmente enviada ou se se utiliza o espaço para uma antecipação virtual do leitor. Em ambos os casos, porém, há um leitor representado, o que permite estabelecermos a análise em termos de exotopia. Tomaremos como material a ser analisado a questão sobre separação silábica. Clicando no link da dúvida, somos levados a outra tela.

A pergunta, transcrita nessa segunda tela, é a seguinte:



A afirmação "No português existem os participípios ativos como derivativos verbais. Por exemplo: o participípio ativo do verbo atacar é atacante, de pedir é pedinte, o de cantar é cantante, o de existir é existente, o de mendigar é mendicante... Qual é o participípio ativo do verbo ser? O participípio ativo do verbo ser é ente. Aquele que é: o ente. Aquele que tem entidade. Assim, quando queremos designar alguém com capacidade para exercer a ação que expressa um verbo, há que se adicionar à raiz verbal os sufixos ante, ente ou inte."? Se positivo, inexistente o verbete **PRESIDENTA** na Língua Portuguesa? (<http://www.gramaticaonline.com.br>)

Em primeiro lugar, vamos situar a discussão da função representada pelos portais. Organizados e/ou gerenciados por um professor de português ou por uma equipe de professores da área de Letras, tais portais projetam no mundo virtual o papel de fonte do conhecimento atribuída ao professor em sala de aula. Com a vantagem de possibilitar ao internauta (aluno ou não) de não passar constrangimento por se expor ao enunciar sua dúvida num contexto público como o da sala de aula.

O lugar do consulente pode ser caracterizado inicialmente por um conjunto de indícios. O primeiro deles é em relação ao espaço escolar. A linguagem utilizada e o raciocínio silogístico aplicado a uma regra citada pelo consulente indiciam um docente ou alguém com formação que permita o desenvolvimento lógico e textual compatível com esse perfil.

A resposta do professor responsável pelo portal foi a seguinte:

Certíssima essa teoria acerca dos participípios, porém a Língua não é 'engessada', não se estagna no tempo. Em algum momento na história de nosso idioma, criou-se o substantivo feminino "presidenta", como também em algum momento se criou o feminino substantivado de governante, a "**governanta**", sobre o qual ninguém tece comentário algum; ninguém diz que esse substantivo não existe. Elegeram a presidenta como o problema.

O substantivo **presidenta** sempre existiu. Não foi inventado agora, com a eleição de Dilma para a presidência da república. Os dicionários Houaiss, Aurélio e Priberam, além do Volp, o documento oficial de nosso idioma, editado pela Academia Brasileira de Letras, a responsável pelo Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa no Brasil, registram o substantivo feminino "presidenta", cujo significado é "mulher que preside; mulher que se elege para a presidência de um país"; e também "esposa do presidente". O vocábulo "**presidenta**", portanto, existe e pode ser usado!

(<http://www.gramaticaonline.com.br>)



O lugar teórico onde o portal se situa para responder à dúvida é o de que a língua muda, é dinâmica. Aparentemente, estamos diante de um ponto de vista descritivo, consonante com a observação da inevitabilidade da mudança contínua da língua. Mas não é inteiramente assim. Não é qualquer mudança: é a mudança já dicionarizada (daí os exemplos de diversos exemplos de dicionários); portanto, uma mudança que se consagra e se reconhece na *escrita* (já que os dicionários são escritos e baseados em *corpus* escrito). É a mudança tutelada, legitimada pelos mecanismos de controle dos especialistas (dicionaristas), que representam a língua *reconhecida*. Fica implícito que esse é o critério para que as mudanças sejam possíveis. Para que *exista* uma determinada forma ou construção. Cabe a pergunta: e se a forma viesse da oralidade e não estivesse dicionarizada ?

O segundo portal educacional (www.klickeducacao.com.br), hospedado em um dos maiores provedores de conteúdo do Brasil, não apresenta propriamente uma seção de dúvidas onde os internautas tenham suas perguntas colocadas diretamente, mas tem algumas compilações de temas que seriam objeto dessas dúvidas. Não fica claro se tais compilações são fruto de dúvidas enviadas ou de antecipações de perfil do espectador do site.

Para análise neste artigo foi selecionada a citação abaixo:

Como surgem as dúvidas de Português?

Uma língua é um instrumento a serviço da comunicação de seus usuários. Dependendo do grau de instrução que se tenha ou da atenção e do cuidado com que se fale, pode-se usar a língua correta ou incorretamente. Quando é usada corretamente, estimula a prática de bons hábitos que consagram a norma culta como a norma comum a todos. Quando usada de maneira incorreta, dá origem a desvios e erros, os chamados vícios de linguagem que, em longo prazo, desfiguram o idioma e provocam uma série de dúvidas. Em alguns casos, esses vícios são adotados e repetidos por figuras públicas e profissionais que trabalham com a língua, como jornalistas, apresentadores de rádio e televisão, políticos e atores, o que contribui para difundir os erros e até mesmo incorporá-los à linguagem cotidiana.

Fonte: <http://www.klickeducacao.com.br>

Em qual lugar se situa a concepção de língua desse portal? A de língua como instrumento. Ela está pronta. Se está pronta, é o “cuidado” ou o



“conhecimento” (instrução) do usuário que vai manter a norma culta “pura”, como patrimônio da sociedade. É o lugar da tradição. Não de qualquer tradição, pois há tradições que se estabelecem pelo uso das comunidades que a instituem. Se a língua está pronta, ela é de todos porque, no fundo, não é de ninguém especificamente.

É um lugar abstrato, acima de qualquer acontecimento sociológico, antropológico, constitutivo e característico de qualquer grupo humano, com qualquer linguagem real. Para este lugar, cuja voz se apresenta no texto do portal, as dúvidas em relação à língua são *desvio*. São incorreções ocasionadas por uma “falta de higiene linguística” do falante, que se afasta dos “bons hábitos” e ocasiona “vícios de linguagem”, que, desse ponto de vista, vão contaminando a linguagem cotidiana. Ou seja: a linguagem cotidiana também não nasce das condições sociais, históricas e antropológicas que constituem qualquer grupo humano; no texto elas são vistas como *resultado* dessa língua atemporal, higienizada e abstrata que paira sobre o espaço e o tempo, sobre as dores e alegrias da condição humana.

Será que podemos conceber que expectativas tão doutrinárias, tão prescritivas e tão excludentes do que temos de humano possa construir um espaço de formação do professor de português que não chegue inevitavelmente à *falha*, ao fracasso? E essa *falha* pode ser tomada em dois sentidos. O primeiro, se considerarmos o atendimento a essas expectativas. Já que nenhuma língua tem como ser *assim*, asséptica e alheia ao humano, o professor que tente estudar a língua dessa maneira, trabalhar com a língua assim, estará fadado ao fracasso. O segundo sentido é o da relação com a língua real. Esse professor, mesmo se conseguisse a proeza de atender a expectativas tão alienígenas em relação a qualquer sistema simbólico humano, esbarraria com seres humanos reais que não se reconheceriam nessa língua nihilista, nessa antilíngua anômica que o portal propõe. Teríamos, portanto, em ambos os casos, uma exotopia na incomunicabilidade e do não acontecimento. Um professor incomunicável diante de outros cidadãos que partilham com ele do mesmo sistema simbólico; o não acontecimento do ato de encontro que é a relação ensino-aprendizagem.



Por fim, o terceiro portal, público e vinculado a uma Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro, não apresenta uma seção de perguntas e respostas ou de atendimento a dúvidas. Foi escolhido como parte do *corpus* deste trabalho um fórum, que consiste numa seção chamada de *Discussões comentadas*, especificamente o que se intitula “A internet ameaça a língua portuguesa ?¹”.

O texto apresentado constitui uma compilação de comentários postados no fórum, como indica o parágrafo inicial:

Foram mais de 200 respostas, em dois anos e meio de fórum. E ainda hoje chegam respostas. A pergunta era simples: "O internetês é uma ameaça à língua portuguesa"? O sucesso era previsível; afinal, a questão juntava um tema da atualidade – a internet, a informática, as novas tecnologias de informação e comunicação (as NTICs) – a um assunto que afeta todos os professores: a capacidade e as formas de expressão dos jovens. Fonte: www.educacaopublica.rj.gov.br

No final do texto há um box com o nome de todas as pessoas que opinaram e que tem como última sentença “O tema continua em aberto. Participe!”. Na verdade é um link que abre um a caixa onde qualquer pessoa pode postar os seus comentários, opiniões, pontos de vista. Antes de chegar no box, o último parágrafo do texto diz:

xxxx acha "natural misturar linguagens. Os adultos também misturam, quando usam 'deletar' e 'printar', juntando inglês e português, quando o mais correto seria utilizar apagar e imprimir". Para ela, "o pior é tentar negar a presença e a força do internetês" ou querer usar esse código fora de hora. Fonte: www.educacaopublica.rj.gov.br

O que chama a atenção na análise das relações exotópicas neste último portal é que os principais posicionamentos referentes ao tema (sejam característicos de uma visão mais purista e estática da língua, quanto aqueles que buscam estabelecer uma inter-relação entre a língua e suas condições de produção cultural, histórica, social, ideológica) se fazem representar no texto da compilação. Por outro lado, percebe-se que na seleção e edição, há uma voz

¹ Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/comentadas/0042.html>



que exotopicamente constrói um diálogo entre os diversos pontos de vista. Percebe-se também que há um privilégio discreto pelas posturas mais reflexivas e/ou mais fundamentadas. A própria escolha da opinião que fica no parágrafo final dá indícios disso.

Outro ponto a ser analisado no portal em geral é uma seção em que os professores postam seus textos e tem o título de *Sua Voz*:

Este espaço está reservado para a sua produção. Aqui divulgamos experiências em sala de aula, artigos, resultados de pesquisa, projetos educativos, monografias, dissertações, teses e outras produções interessantes feitas por educadores. Mas, atenção: a revista Educação Pública não tem condições de impedir apropriações indevidas.

Fonte: www.educacaopublica.rj.gov.br

Surpreendentemente em relação à maioria dos portais educacionais, este em questão não impõe uma concepção de língua e de linguagem, mas estabelece um formato interativo em que os professores são estimulados a construir um espaço de discussão e, dentro dele, definir tais concepções. Da perspectiva em que se coloca este artigo, que é a discutir as relações exotópicas, este tipo de interlocução alude à observação de Bakhtin sobre a relação exotópicas entre culturas: “Se não formulamos nossas próprias perguntas, não participamos de uma compreensão ativa de tudo quanto é outro e alheio”. (BAKHTIN, 2000, p. 368)

Apesar dos riscos de o professor se sentir inicialmente desorientado diante da diversidade de opiniões e pontos de vista, tal portal investe de fato num movimento de construção de alteridade com experiências múltiplas e com um *processo* de estabelecimento de uma consciência que não se dá na solidão da individualidade angustiada do professor diante dos seus desafios, mas espaço dialético de compartilhar dúvidas, de construir um diálogo. Nessa tensão inevitável do diálogo – e lembremos que para Bakhtin toda compreensão já é diálogo – cria-se um campo mais dinâmico de exotopia.

Esse espaço tende a ser caleidoscópico, não em um sentido negativo de confusão e desorganização, mas no sentido de que há uma multiplicidade de outros que provocam o olhar do sujeito a não se fixar num único lugar. O conceito de exotopia nos permite entender que nosso lugar no mundo é único



e, portanto, jamais seremos onipresentes, jamais ocuparemos todos os lugares, ao modo de uma divindade que tudo sabe e tudo vê. Mas permite, igualmente, que o sujeito possa ver o único lugar que o constitui de diferentes (outros) lugares, tal como se movesse vários holofotes para clarearem seu lugar de constituição. E cabe ainda considerar que toda essa tessitura de lugares se move e o lugar que ocupo hoje será diverso do outro único lugar que ocuparei em outro momento de minha existência em função da relação com diversos outros.

Em relação a uma análise comparativa dos três portais cabe uma ponderação sobre o perfil de interlocutor estabelecido por eles. O portal *Gramática on line* não especifica o interlocutor que elege e sobre cujas representações constroi sua identidade. O portal *Klickeducação* destina-se igualmente a alunos, pais e professores. Isso pode ser certificado pelas seções específicas, via cadastro de email para *login*. Todavia, o acesso geral ao site também não é discriminado para um público específico. O último portal analisado, *Educação Pública*, caracteriza-se, em sua página inicial, como uma revista, tendo como subtítulo “Reflexão e interação de educadores”.

É aceitável que em um portal aberto ao público em geral haja um foco mais definido na explicação dos conceitos. Mas, se pensarmos que o interlocutor, quem quer que seja, é tributário da atitude e do modo como o portal enuncia, o lugar de onde diz, cabe pensar na relevância de discutir em que medida as concepções de língua e linguagem que veiculam e apresentam podem ser obstáculos ou desafios estimulantes para a construção desse espaço de alteridade.

A diferença entre posturas reflexivas e comprometidas com o contexto real em que se situam como cidadãos, alunos ou professores ou a imposição de modelos e doutrinas elitizadas, inflexíveis e incongruentes com o funcionamento empírico do mundo implicam não somente um exercício de identificação de posturas diversas. Implica, sobretudo, o quanto e o como se pretende que haja um espaço dinâmico para que o Outro seja fonte de conhecimento sobre quem somos e o como somos. Berti-Pinto (2017, p. 200) considera que “ensinar língua é ensinar o outro a existir. Existir é um ato de linguagem, é um ato de consciência”.



Nesse contexto de constituição de sujeitos, podemos nos recorrer à Zsundy (2014), que apoiada em Bakhtin (2003), aborda uma questão crucial na formação/atuação de professores: educar responsável e responsivamente. Para a autora, uma educação responsável pode fornecer subsídios e estratégias para a compreensão, o engajamento e a eventual transformação das práticas sociais. Assim, as atividades e projetos pedagógicos podem extrapolar a materialidade do enunciado para situá-lo histórica e ideologicamente, analisando os discursos, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto do ponto de vista dos tipos e formas de discurso por meio dos quais os diferentes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados etc.

Compreender a linguagem como uma prática discursiva poderá propiciar ao professor exercitar-se criticamente, além de reconhecer suas próprias vozes e os processos de apropriação das vozes alheias, as posições de sujeito com as quais se identifica e perceber quais valores sociais, éticos e morais, os seus enunciados indiciam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste capítulo foi discutir como a formação do professor de português, como qualquer outro processo identitário, depende de outros espaços, lugares socioideológicos e teóricos que expressam concepções de linguagem, língua e ensino de português.

Buscou-se identificar essas concepções e as relações com esses Outros por intermédio do conceito de exotopia, do pensador russo Mikhail Bakhtin, utilizando-se como *corpus* três portais educacionais que tratam de questões sobre Língua Portuguesa.

A análise trouxe como elemento de reflexão uma diversidade de nuances sobre esses lugares. Nos três portais, dois se comprometem com uma visão mais doutrinal sobre a língua, um mais discretamente, outro de maneira mais explícita e incisiva. O terceiro, portal, uma revista *on line* para professores, constitui-se, como proposta, como um espaço de interação e de construção de concepções e de troca de experiências.



Todo e qualquer acabamento de um texto é sempre provisório. E, coerentemente com o modelo teórico utilizado nesta análise, temos que acreditar que esse acabamento, do ponto de vista do autor do texto também é ilusório, já que o acabamento é privilégio do Outro. É o Outro que me completa, que pode me ver no único lugar que posso ocupar no mundo.

Em nome da representação que esse autor construiu sobre os possíveis outros que serão os leitores desse capítulo (preferencialmente professores, mas também alunos e cidadãos formados em outras áreas do conhecimento), foi deixado fechamento dessa reflexão uma contraparte do conceito de exotopia, de Bakhtin: o conceito de *excedente de visão*:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, a expressão do rosto —, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem. Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias — todos os outros se situam fora de mim. (BAKHTIN, 2000, pp. 43-44)

Do lugar que cada um ocupa no mundo, há um jogo de invisibilidades. Cada um de nós é incapaz de enxergar partes importantes do próprio corpo. Do ponto de vista do que nossos olhos físicos enxergam, jamais saberíamos como é nossa própria face ou como são nossas costas. É somente do ponto de vista o Outro (e o espelho é a representação física da direção desse lugar) que podemos no ver, nos representar e (re)construirmos constantemente nossa identidade.

Embora esse seja um fenômeno de caráter geral para nossa condição humana, o interesse deste texto foi colocar a questão da formação do professor



de português. Se, de maneira geral, ninguém se vê, isso se aplica a cada um de nós e a todos nós. É somente na troca de experiências, na troca de olhares sobre nós e sobre o mundo que somos capazes de nos enxergar. Essa troca, que nos permite colocar em jogo com o Outro o que nos é invisível sobre nós e o que é invisível a ele sobre si mesmo é que constitui o excedente de visão.

Para se pensar a formação do professor de português, propomos a relevância de abandonarmos a solidão e a invisibilidade com que cada professor tem que lidar nas horas de angústia em que pesa sobre seus ombros e sobre todo seu ser o (eventual) fracasso de todo sistema educacional. Cada professor, especialmente os de português, já deve ter sentido, em algum momento de sua carreira docente, mesmo quando um único aluno ou uma única sala de aula exhibe uma situação de impasse no processo ensino-aprendizagem, a sensação e o um olhar abstrato, metafórico e abstrato de toda sociedade recriminando-o pelo fracasso da educação brasileira.

O que se propôs aqui, no recorte analisado, foi a possibilidade e a necessidade de não se desvincular a formação do professor da exotopia e do excedente de visão. Não se esquecer que, naquilo que tiver de bem sucedida ou não, a formação e cada momento da história profissional de um professor é fruto da relação entre o lugar que ocupa no mundo e da relação desse lugar com o lugar de outros: da sociedade em que vive, dos outros professores que o sucederam ou que convivem com ele, dos alunos.

Cada concepção de linguagem e de prática docente é fruto de uma construção histórica e social. Igualmente indissociáveis de outros momentos e de outras concepções. Nos portais analisados pôde-se analisar diferentes formas de constituição ou de interdição desse diálogo com o Outro. A própria existência dos portais é uma construção característica do nosso tempo e das nossas relações de poder. Muitas vezes, ocupam um espaço de suposta substituição do professor enquanto *autoridade* na área do conhecimento em que atua.

A discussão aqui estabelecida, entre outras coisas, lembra que tais portais são elaborados e gerenciados principalmente por professores. Professores outros, que, no contexto da prática docente da área de ensino de Língua Portuguesa, estabelecem com os professores na muitas vezes dura e



crua situação de sala de aula, espaços de construção de identidade. Nem um, nem outro podem se enxergar do ponto de vista do próprio lugar que cada um ocupa. Mas um olhar reflexivo, baseado na relação exotópica e na consciência do excedente de visão pode ser um mapa para explorar esse território.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

BERTI-PINTO, S. S. Verbo-visualidade: o ato ético e estético e alteridade em discussões políticas brasileiras: uma proposta para o ensino de língua. In: KOZMA, E. V. B.; PUZZO, M. B. (org). **Múltiplas linguagens**: discurso e efeito de sentido.

GRAMÁTICA On Line. Disponível em <http://www.gramaticaonline.com.br/default.aspx>. Acesso em 11 de agosto de 2012.

KLICK Educação – **O Portal da Educação**. Disponível em http://www.klickeducacao.com.br/frontdoor/lista_materia/0,5910,POR-21,00.html. Acesso em 11 de agosto de 2012.

REVISTA Educação Pública. **Reflexão e interação de educadores**. Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/portugues/0000.htm>. Acesso em 11 de agosto de 2012.

SZUNDY, P. T. C. Educação como ato responsável: a formação de professores de linguagens à luz da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 53, n.1, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v53n1/v53n1a02.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

OLIVEIRA, M. B. F. Revisitando a Formação de Professores de Língua Materna: Teoria, Prática e Construção de Identidades. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 101-117, jan/abri. 2006.